

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

REPARAÇÃO EPISTÊMICA E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO EM TESAuros À LUZ DA INTERSECCIONALIDADE E DA DECOLONIALIDADE

Nathália Lima Romeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO),
<https://orcid.org/0000-0002-6274-4836>, Brasil, romeironathalia@unirio.br

Fabício José Nascimento da Silveira, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),
<https://orcid.org/0000-0002-0446-3913>, Brasil, fabrisilveira@gmail.com

Eixo: Gênero, Pós-Colonialismo e Multiculturalidade

1 Introdução

"Nem toda palavra é o que o dicionário diz." Esses versos da canção "Sonho de uma flauta", de Fernando Anitelli e interpretada pela banda "O Teatro Mágico", servem como ponto de partida para apresentação dessa investigação. A escolha desses versos nos ajuda a perceber que a produção e a transmissão de significados transpõem as definições encontradas em um dicionário, instrumento que frequentemente utilizamos para sanar dúvidas sobre os sentidos atribuídos a conceitos específicos. Embora os dicionários funcionem como guias úteis na busca pelo significado, é importante reconhecer que suas definições podem não capturar a totalidade das nuances e usos sociais de um termo.

Tendo em vista essa perspectiva, a presente pesquisa busca explorar a complexidade do termo "gênero", transpondo a análise lexical e reconhecendo as diversas interpretações e disputas discursivas que permeiam seu uso no cotidiano. A pesquisa considera que as interpretações sobre gênero e sexualidade são construções sociais que não seguem uma linha única e hegemônica, o que historicamente se buscou estabelecer como imposição em diferentes culturas por meio da colonização e do imperialismo, entendendo esse último como um requinte das estratégias coloniais na atualidade (Connell, 2016; Núñez,

2023). Assim, para transgredir a matriz colonial/imperialista, torna-se essencial ampliar a compreensão sobre gênero, levando em conta sua diversidade de abordagens e as fontes que moldam sua conceituação (Dahlberg, 1978).

Nesse sentido, a investigação busca responder à seguinte questão: como os estudos de gênero podem elucidar os modos de tratamento, conceituação e hierarquização que se manifestam nos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC)? Para responder a essa pergunta, analisamos como os conceitos gênero e sexualidade são definidos e hierarquizados em tesauros especializados, valendo-se de uma lente teórica que integra a Organização do Conhecimento (OC) e os Estudos de Gênero.

Tendo como referente esse questionamento, o objetivo geral da pesquisa consiste em investigar a conceituação e hierarquização do termo "gênero" em tesauros especializados pelas lentes teóricas da interseccionalidade e da decolonialidade. Para alcançá-lo, são elencados os seguintes objetivos específicos: (1) contextualizar gênero como uma categorização social que vai além da binaridade e da heteronormatividade; (2) categorizar as definições e relacionamentos do termo nos tesauros selecionados; e, (3) analisar a convergência entre as definições dos

tesauros e as perspectivas da Decolonialidade e da Interseccionalidade.

Como uma forma de justificar a relevância do estudo, infere-se que a importância desta pesquisa não se limita à identificação de lacunas no campo biblioteconômico-informacional; ela também visa contribuir para um processo de reparação epistêmica que se pauta na crítica e análise das formas de autorização terminológica (Adler, 2016). Essa reparação se materializa via intersecção entre a Organização Social e Crítica do Conhecimento e os Estudos de Gênero, utilizando a interseccionalidade e a decolonialidade como ferramentas analíticas. Estratégia que fomenta uma análise sobre as estruturas de poder e dinâmicas de subalternidade que podem estar implícitas nos SOC. Investimento que reforça, ainda, a contribuição para que o diálogo na organização do conhecimento ocorra de forma mais justa e representativa.

Metodologicamente, trata-se de um estudo de natureza qualitativa, do tipo bibliográfica, descritiva e exploratória, que utilizou a análise de conteúdo como método operacional, seguindo as etapas de pré-análise, codificação, categorização e inferência/interpretação agenciadas por Bardin (2016), em associação às lentes teóricas da Decolonialidade e da Interseccionalidade que orientaram a análise interpretativa. Como objeto, foram selecionados seis instrumentos que convergem com a temática, considerando critérios como relação com os estudos de gênero, abrangência temática (feminista, diversidade sexual/de gênero, família), origem geográfica (países colonizadores e colonizados), período de publicação (últimos 30 anos) e acesso aberto.

2 A Organização do Conhecimento: Conexões, Desconstruções e a Polissemia do termo Gênero

A Organização do Conhecimento (OC) se estabelece como um campo tanto epistemológico quanto praxiológico, funcionando como um dos pilares para a pesquisa e a prática em Biblioteconomia e

Ciência da Informação. Sua função é percebida na organização, representação e disseminação do saber, influenciando as práticas informacionais e as reflexões teóricas do campo. Nesta seção, examinamos, por meio da polissemia do termo "gênero", as complexas relações entre conceituação e a organização social e crítica do conhecimento.

O conceito de "gênero", devido às suas diversas acepções, assume um papel central em nossas análises, exigindo considerar suas múltiplas interpretações e implicações, conforme evidenciado na teoria do conceito de Ingetrud Dahlberg (1978). Segundo a autora, a definição de um conceito versa sobre suas características, funções e limitações, estabelecendo fronteiras para seu significado. No entanto, ela observa que essa restrição não se aplica a todos os conceitos, especialmente aos mais gerais, que requerem uma distinção para evidenciar sua referência.

Rodrigo de Sales (2024), por sua vez, apresenta um ponto de vista que amplia a teorização sobre a conceituação, ao introduzir a ideia de conceito-expansão, que prevê um aprofundamento em relação à unidade de conhecimento que representa. Na visão de Sales, limitar a definição de um conceito pode deixar escapar nuances importantes para sua compreensão, e, por isso, sugere a realização de uma investigação aprofundada sobre a interpretação dos significados na cultura, especialmente quando envolve características específicas de uma comunidade. Em consonância com essa realidade, Medeiros (2021) aponta que o significado de um termo pode variar em diferentes idiomas e contextos geográficos, refletindo a diversidade cultural e os objetivos distintos dos indivíduos envolvidos na elaboração de instrumentos de controle vocabular.

Assim, ao considerar o gênero como uma construção social, é apropriado entendê-lo como um conceito amplo, cujas nuances podem ser adaptadas a diferentes contextos, enquanto identidades de gênero e sexualidade podem ser vistas como categorias mais específicas que não necessitam de definições rigorosamente limitadas. Essa perspectiva

permite questionar a rigidez de categorias como "mulher", "homem", "heterossexual" e "homossexual", reconhecendo sua natureza socialmente construída e potencialmente fluida (Núñez, 2023). Essas construções se manifestam de diferentes maneiras ao se analisar a relação entre o binarismo de gênero e a cisgeneridade como normas da ideologia de gênero, em contraste com a transgeneridade e a visibilidade da condição intersexo, que em certos contextos emergem como subversões a essas normas. Além disso, esse movimento também possibilita uma ampliação do significado mais tradicional do termo, adaptando-o ao cenário contemporâneo.

Complementarmente, dialogamos com Monique Wittig (2019), que argumenta sobre o termo "gênero" funcionar como um "indexador linguístico da oposição política entre os sexos e da dominação das mulheres", destacando sua relevância no discurso político do contrato social, especialmente sob uma perspectiva heterossexual compulsória. Wittig (2019) também alerta para a confusão entre significado e referente, frequentemente observada em obras críticas, e para a tendência de reduzir o significado a uma simples reprodução do referente. Nesse sentido, concordamos com a autora quando afirma que "a linguagem projeta feixes da realidade sobre o corpo social, marcando-o e moldando-o violentamente" (Wittig, 2019, p. 117). Diante disso, termos como "mulherzinhas" ou "vira homem" ilustram essa violência, não definindo o que é ser mulher, homem ou uma dissidência de ambos, mas servindo para "corrigir" desvios do pensamento heterossexual dominante.

Dessa forma, a análise semântica do conceito e seus impactos nas práticas de conceituação e hierarquização do conhecimento sublinha a importância de atentar para as nuances conceituais na OC. Os tesouros, como ferramentas essenciais para a organização e recuperação da informação, exemplificam essa necessidade, exigindo uma análise sócio-histórica e crítica que investigue seu papel na OC, seu contexto de desenvolvimento, suas características

intrínsecas e as diretrizes que orientam sua construção (Dodebei, 2002; Trivelato, 2022).

Em diálogo com as reflexões da Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC), termo desenvolvido pela tese de Rosana Trivelato (2022), destacamos a proposta da pesquisadora de desafiar as estruturas de poder subjacentes aos sistemas de organização do conhecimento. Trivelato (2022) sugere alternativas que reconheçam a pluralidade epistêmica. Acreditamos que, ao estabelecer conexões entre diferentes áreas do saber e promover a desconstrução de hierarquias epistêmicas, a OSCC contribui para o desenvolvimento de uma Biblioteconomia e Ciência da Informação mais inclusiva e socialmente engajada. Essa abordagem é capaz de enfrentar, no sentido de tensionar, os desafios epistemológicos e ontológicos da contemporaneidade.

Nessa perspectiva, Trivelato (2022), inspirada por Judith Butler e Michel Foucault, vê os Sistemas de Organização do Conhecimento como dispositivos performativos que regulam as formas de representação, mediação e disseminação do conhecimento. Seguindo essa abordagem, este trabalho reinterpreta as seis dimensões propostas por Trivelato (2022) para caracterizar a OSCC, a saber: 1) formas de autorização terminológica; 2) crítica ao universalismo e ao subalternizado; 3) ética na Organização do Conhecimento; 4) reparação; 5) vieses; e 6) recusa da neutralidade. Nossa releitura implica a renomeação de verbetes, a unificação ou subtração de categorias e a incorporação de novos estudos, visando tanto simplificar quanto expandir o campo da OSCC. A seguir, apresentamos as três categorias que compõem nossa reinterpretação no Quadro 1.

Quadro 1: Releitura das dimensões da OSCC de Trivelato (2022)

A) As formas de autorização terminológica - examina as garantias que validam os termos em Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), como tesouros. Fundamentada nos estudos de Beghtol (1986), Guedes (2016) e Barité (2019), essa dimensão explora as tipologias de garantias (de uso, literária,

consenso científico, cultural, usuário, semântica, acadêmica, hospitalidade cultural e autopoietica), que se distinguem pelas fontes de autoridade utilizadas na coleta de termos. Para esta pesquisa, focada na conceituação e hierarquização do termo "Gênero", as garantias literária e cultural são centrais, visando inspirar a atualização de instrumentos existentes ou a criação de novos tesouros que incorporem a crítica à colonialidade de gênero, a decolonialidade e a interseccionalidade.

B) Crítica ao universalismo e reparação epistêmica – esta dimensão resulta da fusão das dimensões "Universalismo e o subalterno" e "Reparação", visando questionar as formas hegemônicas de construção e atualização dos sistemas de organização do conhecimento e corrigir as desigualdades históricas presentes na produção e disseminação do saber. A crítica ao universalismo busca valorizar a diversidade de vozes e conhecimentos, enquanto a reparação epistêmica visa promover uma distribuição mais equitativa de recursos e oportunidades.

C) Ética e vieses - A reflexão sobre ética e vieses é fundamental na Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC), especialmente na perspectiva decolonial, que busca desafiar as estruturas de poder coloniais e promover justiça, igualdade e respeito pela diversidade cultural. No entanto, a perspectiva decolonial também chama a atenção para os vieses presentes na pesquisa acadêmica, que podem surgir devido a preconceitos culturais, ideológicos e epistemológicos enraizados nas estruturas do conhecimento dominante. Essa discussão se sedimenta na perspectiva da OSCC quando o campo amplia os limites da organização do conhecimento questionando os vieses dominantes nos instrumentos de OC.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Reconhecendo a urgência de caracterizar a Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC), esta seção explorou as diferentes abordagens da linguagem, da conceituação e da organização do conhecimento, examinando como as estruturas sociais e as relações de poder influenciam a produção, organização e disseminação do saber. Nesse sentido, as dimensões da OSCC evocam a importância de questionarmos as estruturas de poder que modulam o conhecimento dominante, desafiando os discursos hegemônicos e

buscando uma gama mais ampla de conhecimentos e perspectivas, incluindo vozes anteriormente sub-representadas. Na próxima seção, serão apresentados os marcadores teóricos sobre gênero que amparam este trabalho, privilegiando as lentes teóricas da interseccionalidade e da decolonialidade.

3 As lentes teóricas da interseccionalidade e da decolonialidade no espectro das questões de gênero

Ao abordar o gênero como um espectro socialmente construído e dinâmico, reconhecemos suas múltiplas dimensões inter-relacionadas, que englobam aspectos subjetivos, comunitários e políticos. Embora o feminismo tenha sido um dos primeiros movimentos a lutar contra as opressões de gênero, as reivindicações dos movimentos LGBTQIAPN+ são igualmente essenciais para contestar a heterossexualidade compulsória, reconhecida como uma estrutura que hierarquiza socialmente as vidas (Wittig, 2022; Rich, 2010).

Em termos conceituais, utilizaremos duas definições de gênero, uma proposta por Joan Scott e a outra formulada por Raewyn Connell. Joan Scott (2019, p. 67) apresenta uma definição de gênero baseada em duas proposições: a primeira descreve o gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, ancoradas nas diferenças percebidas entre os sexos. Para explicar essa ideia, Scott discorre sobre quatro aspectos inter-relacionados do gênero, salientando que nenhum deles pode operar de forma isolada, pois estão intrinsecamente ligados entre si, são eles:

a) Símbolos e representações simbólicas culturalmente disponíveis, que podem ser contraditórios. Um exemplo disso é a representação de Eva e Maria como símbolos da mulheridade, sendo Eva responsabilizada pelo pecado original e Maria uma santa e um modelo de maternidade e subserviência a ser seguido;

b) Conceitos normativos que correspondem às interpretações dos significados, dos símbolos e

de suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos são transmitidos por meio de doutrinação religiosa, educação escolar, ciência e sistemas normativos (leis), tendendo a abordar gênero por meio de uma oposição binária (masculino x feminino, homem x mulher);

c) A inclusão da política e das instituições na organização social, com o objetivo de questionar a ideia de gênero como uma entidade fixa;

d) A identidade subjetiva no processo de formação do sujeito. Scott recomenda que pesquisadoras e pesquisadores investiguem como as identidades são construídas e relacionem esse processo a uma série de atividades, organizações sociais e representações culturais, como é feito em algumas biografias.

Posteriormente, Scott (2019, p. 67) introduz sua segunda proposição ao explicar o gênero como "uma forma fundamental de significar as relações de poder", considerando-o uma das bases para a problematização, concepção e legitimação do poder político em diversos contextos (temporais e espaciais). Joan Scott explica que o gênero, enquanto categoria de análise, oferece uma perspectiva para refletir sobre a realidade social e suscitar novas indagações em um campo que está constantemente em disputa, em virtude de sua natureza fluida. Por fim, Scott ressalta que as transformações nas relações sociais estão correlacionadas com as mudanças ocorridas nas representações do poder.

Por sua vez, a socióloga australiana Raewyn Connell (2016, p. 17) amplia essa discussão ao afirmar que o gênero é uma forma de corporificação social que pode ser compreendida como "a estrutura de práticas reflexivas do corpo através das quais os corpos sexuados são situados historicamente". Ambos os conceitos, tanto de Scott quanto de Connell, são abrangentes, não se direcionando apenas a um grupo específico, pois são aplicáveis a diversos contextos históricos, considerando que, em todos eles, existem pessoas que possuem corpos que produzem significados

enquanto suas relações evocam diferentes discursos. Dessa maneira, ao tratar-se de um conceito amplo, Connell nos ajuda a entender a variedade de temáticas que as questões de gênero englobam ao considerar gênero como um assunto "esquisito", por ser:

[...] uma questão de experiência cotidiana, minuto a minuto, para toda a população. Também é tema de uma biblioteca de teorias abstratas, de controvérsias científicas e de confusão teológica. Algumas pessoas pensam que gênero é totalmente fixo, outras pensam que é notavelmente fluido. Alguns acreditam que o gênero é determinado pela anatomia, pelo cérebro ou por hormônios; outros pensam que ele se manifesta principalmente na linguagem (Connell, 2016, p. 16).

A educadora brasileira Guacira Lopes Louro (2008, p. 18) também considera que a construção social do gênero é "um processo minucioso, sutil e sempre inacabado". Para ela, família, escola, igreja, instituições de justiça e comunidades médicas desempenham um papel significativo nesse processo construtivo. Assim, a pesquisa de Louro reforça nossa argumentação de que gênero e sexualidade são construções sociais, reconhecendo que essa construção ocorre por meio de diversas aprendizagens e práticas vivenciadas ao longo da vida, moldadas por experiências em diferentes contextos, tanto públicos quanto privados, sendo fundamentalmente um efeito cultural de contextos específicos.

Adicionalmente, os estudos sobre sexualidade e identidade de gênero têm se expandido, estabelecendo interseções específicas em cada contexto social (Butler, 2003, 2018; Rich, 2010). Esses estudos vão além da dicotomia masculino-feminino, incluindo questões de performatividade, performance e direitos civis da população LGBTQIAPN+. Nesse sentido, é relevante destacarmos a contribuição de Judith Butler (2003, 2018) e Adrienne Rich (2010). Butler ampliou de forma significativa o foco para a não-binaridade no desenvolvimento da Teoria

Queer, explicando os conceitos de performatividade, performance e cisnormatividade como estruturas de poder. Por sua vez, Rich desempenhou um papel relevante nos estudos lésbicos ao evocar o conceito de heterossexualidade compulsória, que também foi abordado por Butler em continuidade à perspectiva levantada décadas antes por Monique Wittig (2022), quando ela refletiu sobre o pensamento hétero e como as lésbicas não são consideradas mulheres em um mundo que espera delas reprodução humana e cuidado doméstico.

É importante destacar que o gênero, assim como os Estudos de Gênero, não estão apenas alinhados às agendas feministas, uma vez que mulheres, cisgênero ou transgênero, não são as únicas protagonistas dessas discussões. Para compreender as diferentes dimensões que o gênero abrange, é necessário também considerar os homens, uma vez que a binaridade de gênero expressa pelas categorias homem e mulher oferece uma maior compreensão sobre como o homem foi tornado a norma, o sinônimo de humano, enquanto mulheres, pessoas não binárias e agêneros são posicionados como "o outro" (Beauvoir, 2014; Romeiro & Silveira, 2023).

Em sua obra mais recente, intitulada "Quem tem medo do gênero?" (2024), Judith Butler inicia uma discussão que tensiona o movimento político-cultural contrário à chamada "Ideologia de gênero", estabelecendo uma associação desse movimento a um tipo de monólito, uma grande estrutura petrificada. A autora observa que o uso desse termo frequentemente carrega um viés conservador, sendo construído e disseminado por aqueles que se opõem ao conceito de gênero como uma resposta a pensamentos cristalizados e estereotipados levantados por indivíduos que consideram o gênero como algo abjeto.

Não obstante, para abordar as diversas nuances das questões de gênero, invocamos o conceito de interseccionalidade, uma das lentes teóricas que fundamentam nossa argumentação. O conceito de interseccionalidade, introduzido por Kimberlé

Crenshaw (2002), abrange as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre diferentes eixos de subordinação, como raça, gênero, idade, localização geográfica, classe e condição humana (incluindo pessoas com e sem deficiência). Essa interação molda as posições dos sujeitos e gera opressões específicas. Importa ressaltar que, antes de Crenshaw, autoras como Angela Davis (2016), Audre Lorde (2020) e Bell Hooks (2020) já enfatizavam a relevância de considerar raça/etnia e classe nos estudos sobre gênero, explorando as experiências de mulheres não brancas, a hipersexualização das mulheres negras e a marginalização das mulheres lésbicas negras.

Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) avançam nessa discussão ao posicionar a interseccionalidade como uma ferramenta para entender a complexidade do mundo e das experiências humanas, destacando sua aplicação em diversos contextos acadêmicos, políticos e sociais, incluindo a formulação de políticas públicas e a promoção de reflexões sobre educação. Akotirene (2020) defende uma abordagem centrada no Sul global, criticando a "cisgeneridade branca heteropatriarcal" e sublinhando a necessidade de deslocamentos epistêmicos que valorizem o conhecimento proveniente da África e da diáspora, oferecendo, assim, uma perspectiva crítica para analisar a colonialidade de gênero e as estruturas de poder que marginalizam as mulheres negras. Para essas autoras, a interseccionalidade, ao proporcionar visibilidade às diferentes posições de poder nos discursos, desafia a concepção de uma única perspectiva dominante e busca ampliar a diversidade de vozes e experiências de vida.

De forma complementar, sob a ótica da decolonialidade e da perspectiva contracolonial indígena, o pertencimento comunitário se manifesta no reconhecimento mútuo, expresso pelo uso do termo "parente" como designação afetiva e política (Núñez, 2023). Essa perspectiva relaciona as pessoas à natureza, contrastando com a crença colonial que associa gênero exclusivamente às mulheres e raça/cor da pele a pessoas não

brancas, desafiando a imposição de identidades fixas e hierárquicas características do pensamento colonial e promovendo uma visão de mundo interconectada e respeitosa com a diversidade.

Nessa mesma direção, Lugones (2020) propõe uma reinterpretação da modernidade colonial capitalista, subvertendo a estrutura binária de gênero e valorizando formas pré-coloniais de organização social ao trazer luz sobre o conceito de intersexualidade. Segato (2021), por sua vez, problematiza o eurocentrismo e a colonialidade do poder, demonstrando como a intervenção colonial transformou o acesso sexual em um "mal moral" e utilizou a miscigenação como um projeto de colonização que perpetua a violência de gênero.

Geni Núñez (2023) acrescenta que a imposição de um sistema sexo/gênero binário foi crucial para a acumulação de bens e riquezas durante o período colonial. Essa análise é aprofundada por Schucman (2012) e por Silva, Saldanha e Pizarro (2018), que questionaram a racialização da branquitude e os privilégios estruturais que ela acarreta, ressaltando a importância de confrontar o racismo e compreender como as identidades são construídas nas relações sociais e através da linguagem, implicando que os indivíduos se constituem e se transformam em referência ao contexto em que estão inseridos e à apropriação dos significados socioculturais.

A análise desses aspectos em Abya Yala, nome dado ao território das Américas antes da colonização, foi realizada seguindo um roteiro sistematizado com base na leitura de Nêgo Bispo dos Santos (2015; 2023), Ilana Löwy (2019), Geni Núñez (2023); María Lugones (2020); Franciéle Garcês-da-Silva (2020) e Rita Segato (2021). Nesse sentido, os estudos dessas autorias forneceram uma base teórica e conceitual capaz de tensionar e amplificar a compreensão dos processos coloniais e seus efeitos na construção das identidades de gênero e nas relações sociais na região de Abya Yala, conforme demonstrado a seguir:

a) exploração e divisão territorial;

b) genocídio dos povos originários;

c) colonialidade do ser, do saber e do poder – incluindo os processos de catequização e escravização, a definição do catolicismo como religião oficial e a imposição do calendário católico;

d) a obrigatoriedade do idioma do colonizador como oficial e a definição dos sujeitos de direito (majoritariamente homens brancos);

e) ocupação do território, privatização da terra e instauração das monoculturas;

f) classificação binária de gênero por meio da consolidação de estereótipos sociais (o que significa ser homem e mulher) e a exploração sexual, reprodutiva e do trabalho doméstico não remunerado das mulheres;

g) a criação da propriedade privada, da herança e, conseqüentemente, a valorização da família nuclear (cisgênera) e da monogamia como prática socialmente aceita;

h) a naturalização da heterossexualidade (para estimular a produção de herdeiros e mão de obra); e,

i) a condenação e demonização de práticas subversivas à cisgeneridade, heterossexualidade e monogamia.

Roteiro que evidencia a interseção das estruturas sociais como o patriarcado, a colonialidade, o racismo e o capitalismo na produção das desigualdades. Por meio da normalização, que representa um método altamente eficaz para subjugar indivíduos e grupos, estabeleceu-se uma visão de mundo universalizante de natureza colonial, na qual símbolos e sinais, tanto linguísticos quanto culturais, foram institucionalizados e burocratizados. Nesse contexto, ao buscar a colonização de um território, além da utilização do racismo como meio de subordinação, outro mecanismo sustentador dessa estrutura colonial foi a imposição de um sistema binário de sexo/gênero que reconhece apenas duas possibilidades aceitas: ser homem ou mulher, excluindo, portanto, a existência de pessoas intersexo ou transexuais, entre outras identidades. Esse aparato normativo tinha como objetivo primordial favorecer o sistema

econômico capitalista, promovendo a acumulação de bens e riquezas (Federici, 2017; Lugones, 2020, Romeiro & Silveira, 2023).

Retomando o pensamento de María Lugones (2020), destacamos sua ênfase na presença de outros gêneros nas sociedades tradicionais latino-americanas, o que representa uma contribuição significativa em suas obras, ao desafiar a imposição binária de gênero. Essa crítica se estende à discussão sobre a intersexualidade, entendida como uma condição que desafia a normalização da corporalidade, especialmente aquela imposta pela perspectiva médica. Assim, Löwy (2019) e Lugones (2020) evidenciam que indivíduos intersexuais foram historicamente considerados "erros da natureza" e tratados como objetos de estudo, negligenciando suas existências, experiências e necessidades individuais. Essa violência histórica demonstra que as relações moldadas pela colonização e pela colonialidade de gênero são condicionadas por estruturas e processos violentos.

Para desafiar a lógica imposta por esse modelo colonial, Rita Segato (2018) propõe a adoção de um giro decolonial, que envolve uma subversão epistêmica do poder. Com base nisso, sugerimos que o gênero, em termos culturais, históricos, políticos e filosóficos constitui um sistema de categorização social no qual são arbitrariamente estabelecidas relações hierárquicas, com base no agrupamento ou diferenciação de pessoas que compartilham uma mesma origem ou características semelhantes, sob uma lógica de dominação da realidade. Assim, o gênero permeia e territorializa a existência de cada indivíduo e comunidade, o que demanda a formulação de uma abordagem sensível às suas nuances e interseccionalidades.

4 Procedimentos Metodológicos

Metodologicamente, a pesquisa aqui relatada adota uma abordagem qualitativa, caracterizada como bibliográfica, descritiva e exploratória. A análise de conteúdo, seguindo as etapas propostas por Bardin (2016) – pré-

análise, codificação, categorização e inferência/interpretação –, constitui o método operacional central. Já a análise interpretativa é orientada pelas lentes teóricas da Decolonialidade e da Interseccionalidade, que fornecem o arcabouço conceitual para a compreensão das complexas relações de poder e das múltiplas identidades que permeiam o objeto de estudo.

Para a realização das análises e sistematização dos resultados, foram selecionados seis tesouros convergentes à temática gênero, são eles: *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres* (Brasil); *Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero* (Brasil); *Tesouro de Género: linguagem con equidad* (México); *Tesouro Homossaurus* (produzido por pesquisadoras/es de diferentes regiões, mas com protagonismo dos Estados Unidos da América (EUA) e da Holanda); *Women Thesaurus* (Holanda); e, *Family Thesaurus* (Austrália). A seleção desses instrumentos levou em consideração os seguintes critérios e aspectos:

- a) Se relacionar aos estudos de gênero;
- b) Ter uma quantidade equiparada de abrangência, sendo três deles voltados majoritariamente para temáticas feministas ou sobre mulheres; dois voltados para a diversidade de identidades de gênero e sexualidade e um voltado para o assunto família;
- c) Ter sido produzido por países que colonizaram ou imperializaram (Holanda e EUA) e por países que foram colonizados (Brasil, México e Austrália);
- d) Ter sido publicado nos últimos 30 anos, isso em função dos Estudos de Gênero terem sido amplificados a partir da década de 1990, em ressonância às discussões evocadas nas décadas anteriores;
- e) Estarem em acesso aberto, ou seja, acessível a qualquer pessoa ou instituição interessadas em consultar esses instrumentos.

Após seleção dos instrumentos, buscamos analisar como os principais conceitos e hierarquias relacionadas às questões de gênero são representados em suas estruturas terminológicas. Para isso, selecionamos os termos gênero e sexualidade para a compreensão das diversas dimensões que atravessam essas questões na sociedade. A escolha desses termos se justifica por serem representativos das múltiplas facetas que permeiam as questões/relações de gênero, abrangendo aspectos sociais, culturais, políticos e identitários da expressão dos corpos e dos afetos (relacionamentos), convergindo, assim com o referencial teórico apresentado.

A seleção dos termos indicados buscou refletir a forma como o debate sobre “gênero” vem ganhando espaço no contexto acadêmico com a consequente consolidação de uma terminologia específica. Dessa maneira, pretendemos identificar possíveis lacunas, limitações ou enviesamentos na representação desses temas, visando contribuir para o aprimoramento das descrições terminológicas.

Alinhado aos objetivos específicos, o percurso metodológico compreende as seguintes etapas: Para atingir o objetivo específico 1, foi realizado um levantamento bibliográfico ancorado em literatura científica dos Estudos de Gênero em Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas como Antropologia, Filosofia, História, Sociologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. Visando atender ao objetivo específico 2, foram estabelecidas as seguintes categorias:

1. **Conceituação** - se refere às definições, ou seja, como os conceitos se apresentam nas definições, notas de escopo, notas históricas e notas de aplicação dos Tesouros.
2. **Hierarquização** - envolve a apresentação sistemática do termo a partir de seus relacionamentos. Isso é exposto a partir da observação das hierarquias que envolvem os **termos genéricos**, **termos específicos** e **termos relacionados**. Além disso, também podem ser percebidas a

invisibilização ou não evidência entre alguns termos e relacionamentos.

Para atingir o objetivo específico 3 consideramos que, na lente da Interseccionalidade, o viés interseccional será identificado por meio da inserção de pelo menos dois marcadores sociais na definição do vocábulo. Marcadores esses que podem ser: pertencimento étnico racial, identidade de gênero, sexualidade, condição humana (com e sem deficiência), localização geopolítica, classe social, entre outros. Quanto ao viés da Decolonialidade, esse é identificado ao se considerar os efeitos da colonização – colonialidade de gênero – na construção social do gênero. A seguir serão apresentados os resultados da pesquisa.

5 Resultados

Consideramos importante mencionar que este trabalho sistematiza os resultados de uma pesquisa mais ampla que analisou a representação de 12 termos-chave (gênero, homem, mulher, patriarcado, matriarcado, sexo, sexualidade, cisgeneridade, binarismo, família, transgênero e intersexo) em tesouros especializados, refletindo sobre a evolução do debate de gênero e a consolidação de uma terminologia específica. A seleção desses termos levou em consideração aspectos sociais, culturais, políticos e identitários, convergindo com o referencial teórico apresentado.

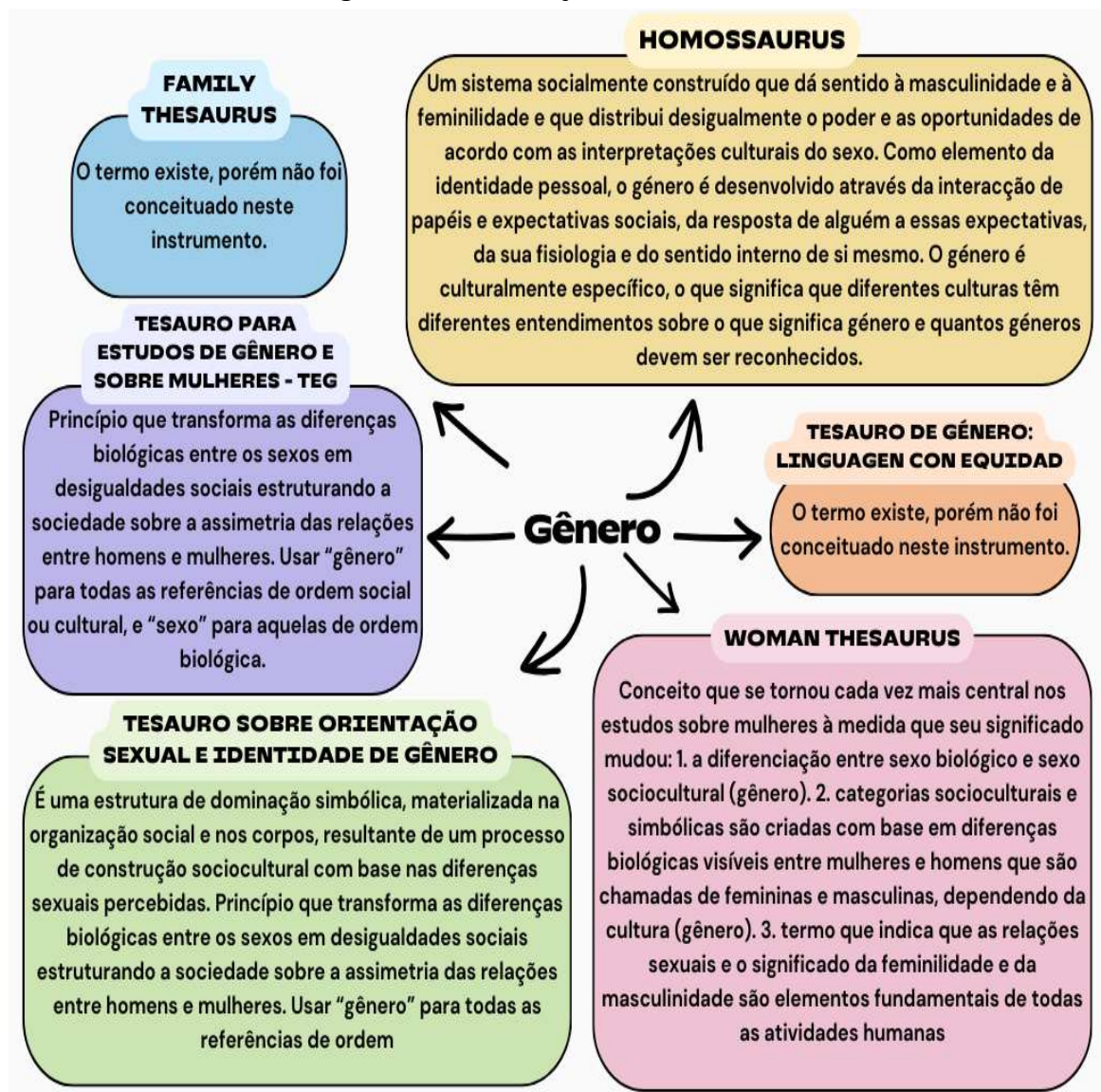
Os conceitos e seus relacionamentos foram extraídos e organizados em uma planilha eletrônica, considerando metadados como título, termo, conceito e hierarquização. Como dito, a seleção de tesouros de diferentes regiões geográficas (países colonizados e colonizadores) teve em vista obter uma amostra representativa e compreender as nuances históricas, socioculturais e epistemológicas na estruturação do conceito de gênero.

As análises de conceituação e hierarquização dos termos foram detalhadas, empregando recursos visuais como mapas conceituais (Canva) e quadros de

hierarquização (Excel) para melhor visualização e compreensão. Enquanto os mapas conceituais ilustraram a organização conceitual intrínseca a cada termo, os quadros do Excel permitiram ressaltar a estrutura hierárquica, diferenciando termos genéricos, específicos, relacionados e os delimitadores de uso ("Use" e "Used for"). Essa análise foi conduzida sob as lentes epistemológicas da interseccionalidade e da decolonialidade, o que implicou

problematizar as definições e hierarquizações à luz das complexas interações entre identidades de gênero e sexualidade, raça, classe, efeitos da colonização e outras dimensões sociais. A seguir apresentamos uma amostra dos resultados que consiste na análise da conceituação e hierarquização dos termos "gênero" e "sexualidade" em tesauros.

Figura 1: Conceituação do termo Gênero



Fonte: Elaboração própria em CANVA (2025).

Reconhecendo que os tesauros refletem o discurso e o engajamento político de sua época (Medeiros, 2021), a pesquisa valorizou a importância das definições conceituais na

comunicação. Nesse sentido, foram consideradas as perspectivas teóricas de Dahlberg (1978), que enfatiza a necessidade de definições detalhadas para conceitos gerais, e

de Tálamo, Lara e Kobashi (1993), que destacam a importância do controle terminológico por meio do reconhecimento das propriedades de cada termo.

A análise conceitual do **Tesouro Para Estudos de Gênero e Sobre Mulheres (TEG)** revela uma limitação ao binarismo, universalizando o gênero e negligenciando a colonialidade, enquanto o **Homossaurus** apresenta uma perspectiva mais alinhada com abordagens contemporâneas, reconhecendo o gênero como sistema socialmente construído e culturalmente específico, embora ainda com traços de binarismo. O **Woman's Thesaurus**, por sua vez, demonstra uma evolução conceitual ao longo de suas três definições, aproximando-se de uma compreensão relacional entre gênero e sexualidade, mas

ainda com resquícios de uma visão binária. O **Tesouro sobre orientação sexual e identidade de gênero** apresenta a mesma definição limitada do TEG. A ausência de definição nos tesouros **Gênero: lenguaje con equidad** e **Family Thesaurus** restringe o diálogo teórico. Em síntese, a análise revela uma lacuna na articulação entre as concepções de gênero nos tesouros e os debates sobre colonialidade de gênero e decolonialidade, com exceção do Homossaurus, que se destaca por uma conceituação mais alinhada com as abordagens contemporâneas, embora a maioria ainda não subverta explicitamente o binarismo de gênero ou incorpore concepções dissidentes das noções hegemônicas. A seguir será apresentada a análise sobre a hierarquização.

Quadro 2: Hierarquização do termo gênero

| GÊNERO | | | | | |
|---|--------------------------------|--|--|------|----------|
| Tesouros | Termo Genérico | Termo específico | Termo relacionado | Used | Used for |
| Homosaurus | | Sexo atribuído; expressão de gênero; identidade de gênero | Cirurgia de afirmação de gênero; Ambiguidade de gênero; Binários de gênero; Diversidade de gênero; Minorias de gênero; Relações de gênero; Segregação de gênero; Estudos de gênero; Transgressão de gênero; Gendercídio; Genderismo; Passagem (gênero); Sexo (corpo); Furtividade (transgênero); Transgenderismo | | |
| Women's Thesaurus | identidade; categorias sociais | Androginia; feminilidade; masculinidade | Interseccionalidade | | |
| Family Thesaurus | | | Feminilidade; Diferenças de gênero; Intersexualidade; Masculinidade; Homens; Discriminação sexual; Papel sexual; Mulheres | | sex |
| Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres (TEG) | | | construção social da realidade; divisão sexual do trabalho; estudos de gênero, classe e raça; estrutura social; ideologia de gênero; organização social; relações de gênero; sexo; socialização; | | |
| Tesouro de gênero: lenguaje con equidad | Estudos de gênero e feminismo | Distinção público-privado; estudos de gênero; estudos sobre mulheres; estudos sobre gays e lésbicas; estudos sobre masculinidade; ideologia de gênero; | Feminismo; gênero e democracia; gênero e equidade; gênero e poder; gênero e trabalho; gênero e história; história do gênero. | | |

| | | | | | |
|--|--|---|----------------------|--|--|
| | | papéis de gênero; relações de gênero; sistemas de gênero; socialização de gênero; tecnologia e gênero. | | | |
| Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero | | Identidade | Identidade de gênero | | |

Fonte: Elaboração própria (2025).

A observação de que o **Homossaurus** “não estabelece um termo genérico para gênero” converge com a abordagem conceitual contemporânea nessa área de estudos. De fato, a compreensão do “gênero” como um termo guarda-chuva, que abarca uma ampla gama de fenômenos relacionados à identidade, expressão e experiência de gênero tem sido amplamente adotada e consolidada na literatura acadêmica. Essa perspectiva desafia noções essencialistas e binárias de gênero, reconhecendo-o como um constructo social, cultural e histórico em constante transformação.

A observação de que o **Homossaurus** apresenta como termos específicos “sexo atribuído”, “expressão de gênero” e “identidade de gênero” encontra ressonância com as abordagens teóricas contemporâneas nos estudos de gênero. O termo “sexo atribuído” refere-se à designação de gênero atribuída a um indivíduo no momento do nascimento, com base em suas características sexuais primárias. Essa categorização binária - geralmente classificada como “masculino” ou “feminino” - é socialmente imposta e nem sempre corresponde à identidade de gênero que a pessoa viria a desenvolver posteriormente.

O termo específico “expressão de gênero” refere-se à maneira como um indivíduo se apresenta e se expressa em relação aos padrões socialmente estabelecidos. Essa dimensão da experiência de gênero envolve uma gama de características e comportamentos como vestimenta, estilo, maneirismos, interesses e formas de se comunicar, revelando que essas expressões

são construídas socialmente e variam conforme o contexto cultural e histórico.

O texto apresenta um engajamento com os debates teóricos e conceituais na área de estudos de gênero. Nota-se a utilização de uma ampla gama de termos especializados, tais como: “Cirurgia de afirmação de gênero”, “Ambiguidade de gênero”, “Binários de gênero”, “Diversidade de gênero”, “Minorias de gênero”, “Relações de gênero”, “Segregação de gênero”, “Estudos de gênero” e “Transgressão de gênero”, que evidenciam uma compreensão das dinâmicas de poder e das hierarquias de gênero presentes na sociedade. Outros conceitos, como “Gennericídio”, “Generismo”, “Passagem (gênero)”, “Sexo (corpo)”, “Furtividade (transgênero)” e “Trangenerismo”, dão a ver uma familiaridade aprofundada com o vocabulário específico dos estudos de gênero e das teorias queer.

O **Woman's Thesaurus** adota “identidade” e “categorias sociais” como termos genéricos, o que pode ser considerado uma abordagem razoável. Nessa perspectiva, posicionar a “identidade” como o conceito mais amplo que engloba as questões de gênero apresenta-se como uma opção conceitual plausível, uma vez que o gênero pode ser compreendido como uma expressão específica da identidade individual e coletiva. Entretanto, a adoção de “categorias sociais” como outro termo genérico revela-se menos adequada.

Ao analisar os termos específicos adotados pelo **Woman's Thesaurus** - “Androginia”, “feminilidade” e “masculinidade” - é necessário considerar o contexto histórico e os avanços recentes nos estudos de gênero. De

fato, o termo “androginia” teve uma maior proeminência nas décadas de 1980 e 1990, refletindo uma visão mais binária e dicotômica do gênero. Nesse período, a androginia era comumente entendida como uma expressão de gênero que combinava características “masculinas” e “femininas” de maneira equilibrada. Por outro lado, os termos “feminilidade” e “masculinidade” carregam uma perspectiva essencialista e binária de gênero, que não corresponde aos avanços conceituais e teóricos das últimas décadas. Os estudos de gênero contemporâneos têm se afastado dessa visão dicotômica, passando a compreender o gênero como um espectro. Atribui como termo relacionado “interseccionalidade”, o que consideramos bastante pertinente por ser esse o termo que representa um viés fundamental para os estudos de gênero contemporâneos, uma vez que permite analisar as múltiplas camadas de opressão e privilégio que se interseccionam na constituição das identidades e experiências de indivíduos e grupos.

O *Family Thesaurus* não indica termos genéricos nem específicos para gênero. Enquanto concordamos que o termo “gênero” é o mais geral, a ausência de termos específicos de gênero é problemática nesse instrumento, pois o domínio família está intrinsecamente vinculado às relações de gênero, especialmente à luz da crítica ao patriarcado (Lerner, 2019). Essa ausência limita a capacidade do tesauro de representar adequadamente a diversidade de dinâmicas, arranjos e vivências familiares que não se restringem à estrutura nuclear heteronormativa. Ao mesmo tempo, a falta de uma abordagem interseccional, que considere as intersecções entre gênero, raça, classe, sexualidade e outras categorias sociais, obscurece as experiências de grupos historicamente marginalizados no âmbito familiar.

A inclusão do termo “Intersexualidade” no *Family Thesaurus* é pertinente, pois a teorização sobre essa temática dentro dos estudos de gênero ainda se encontra em estágio inicial. Nesse sentido, a inserção desse

termo no tesauro pode ser vista como um aspecto positivo, uma vez que sinaliza um esforço de representar essa dimensão emergente e ainda pouco explorada das identidades de gênero. O tesauro também inclui outros termos relacionados, tais como “Feminilidade”, “Diferenças de gênero”, “Masculinidade”, “Homens”, “Mulheres” e “Papel sexual”, evidenciando uma tentativa de abarcar a complexidade das relações de gênero e sua influência na estruturação da esfera familiar. No entanto, essa abordagem ainda parece ressoar um viés do binarismo de gênero, não refletindo plenamente as perspectivas contemporâneas dos estudos de gênero.

A indicação do verbete “sexo” como delimitador de uso no *Family Thesaurus* sugere uma perspectiva “biologicista” e binária que não acompanha os avanços teóricos e epistemológicos dos estudos de gênero nas últimas décadas. A utilização desse termo como delimitador para a representação das questões de gênero revela uma confusão conceitual que precisa ser urgentemente endereçada. Ao equiparar gênero e sexo, o tesauro acaba por reforçar uma visão essencialista e reducionista que concebe o gênero como mera decorrência do sexo biológico.

Assim como observado no *Family Thesaurus*, o **Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres (TEG)** também não indica termos genéricos e específicos relacionados diretamente à categoria “gênero”, o que suscita críticas semelhantes. No entanto, ao examinar os termos relacionados presentes no TEG, observamos que o instrumento explicita de forma mais clara a correlação entre gênero e outros conceitos-chave, tais como: “construção social da realidade”, “divisão sexual do trabalho”, “estudos de gênero”, “classe e raça”, “estrutura social”, “ideologia de gênero”, “organização social”, “relações de gênero”, “sexo” e “socialização”. Essa abordagem, mesmo que ainda apresente limitações, revela um esforço do TEG em contextualizar o gênero dentro de uma perspectiva mais ampla que considera suas

intersecções com outras categorias sociais relevantes.

Ao estabelecer essas conexões terminológicas, o tesauro sinaliza uma compreensão do gênero como uma construção social, cultural e histórica permeada por relações de poder e desigualdades. Mesmo sendo um instrumento da década de 1990, essa perspectiva converge com os avanços teóricos contemporâneos dos estudos de gênero.

O **Tesauro de Género: Lenguaje con Equidad** indica como termo genérico “Estudos de Género e Feminismo”, demonstrando uma nítida vinculação à perspectiva feminista em sua estruturação conceitual. Embora os estudos de gênero de fato tenham fortes vínculos com o feminismo, dada a centralidade da análise das relações de poder e desigualdades de gênero nessas duas áreas, não seria preciso indicar, necessariamente, o feminismo como termo genérico. Os estudos de gênero, em sua acepção mais ampla, abarcam tanto as perspectivas feministas quanto outras abordagens que problematizam as dinâmicas de gênero, como os estudos sobre masculinidades, a teoria queer, entre outros.

Seria interessante que o tesauro explorasse a possibilidade de indicar “Estudos de Género” como um termo genérico mais amplo, que pudesse abarcar as diversas perspectivas e abordagens teóricas que compõem esse vasto campo interdisciplinar. Dessa forma, o feminismo poderia ser indicado como um dos enfoques relevantes dentro dos estudos de gênero como um termo específico, sem ser colocado em posição de destaque em relação a outras vertentes igualmente importantes.

Os termos específicos elencados: “Distinção público-privado”, “Estudos de gênero”, “Estudos sobre mulheres”, “Estudos sobre gays e lésbicas”, “Estudos sobre masculinidade”, “Ideologia de gênero”, “Papéis de gênero”, “Relações de gênero”, “Sistemas de gênero”, “Socialização de gênero” e “Tecnologia e gênero”, denotam uma preocupação em abarcar diversas perspectivas

e enfoques relacionados às dinâmicas de gênero. Ao incorporar conceitos como “Estudos sobre gays e lésbicas” e “Estudos sobre masculinidade”, o tesauro sinaliza uma tentativa de contemplar a pluralidade de identidades e expressões de gênero para além da abordagem tradicionalmente centrada nas questões referentes às mulheres. Por sua vez, a inclusão de termos como “Ideologia de gênero”, “Papéis de gênero” e “Sistemas de gênero” sugere a compreensão do gênero enquanto construção sociocultural e estrutural alinhada com os avanços teóricos e metodológicos desse campo de estudos. Essa riqueza terminológica indica que o Tesauro de Género: Lenguaje con Equidad procura representar a complexidade das discussões sobre gênero de maneira mais abrangente quando comparado a outros instrumentos.

O Tesauro adota termos relacionados “Feminismo”, “Gênero e democracia”, “Gênero e equidade”, “Gênero e poder”, “Gênero e trabalho”, “Gênero e história” e “História do gênero”. Essa escolha terminológica sinaliza uma orientação do tesauro em direção à compreensão do gênero como categoria imbricada nas dinâmicas de poder, nas estruturas sociais e nos processos históricos. Ao estabelecer essas conexões, o instrumento revela uma preocupação em situar as discussões sobre gênero dentro de um arcabouço mais amplo que contempla suas implicações na esfera política, econômica e social.

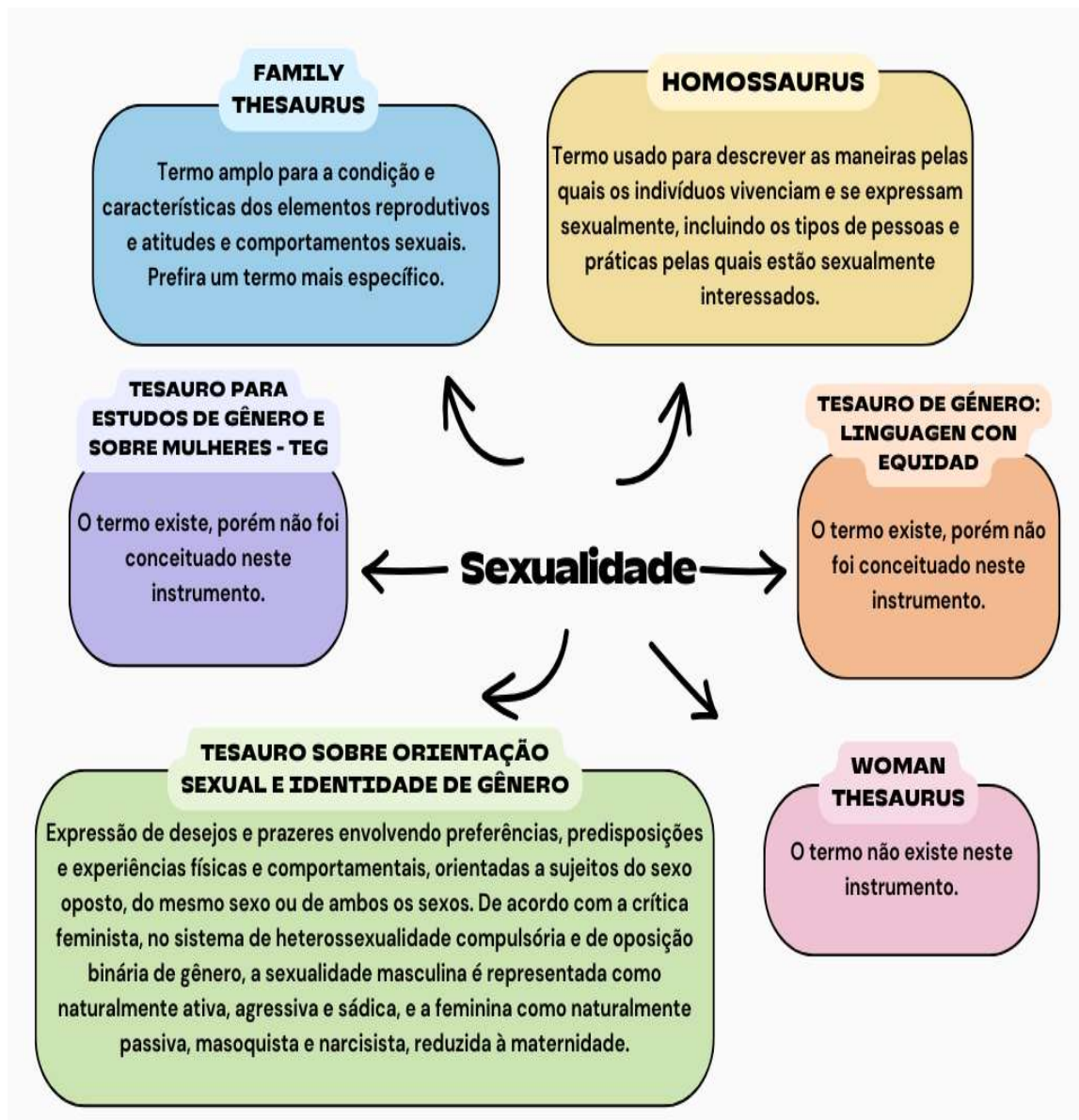
A inclusão de termos como “Gênero e democracia”, “Gênero e equidade” e “Gênero e poder” sugere que o tesauro busca problematizar as relações de gênero a partir de uma lente crítica, atenta às desigualdades e assimetrias que permeiam as experiências de indivíduos e grupos sociais. Com isso, a adoção de termos como “Gênero e trabalho” e “Gênero e história” revela uma preocupação do tesauro em articular as questões de gênero com outras dimensões centrais da organização social, como a esfera produtiva e os processos históricos.

A análise do **Tesauro sobre Orientação Sexual e Identidade de Género** revela algumas

lacunas e pontos de atenção em sua estruturação hierárquica. Um aspecto positivo é que o tesouro não adota um termo genérico, o que converge com a compreensão de que a categoria “gênero” é mais ampla. No entanto, a adoção do termo específico “Identidade” apresenta-se como um equívoco, pois a palavra “identidade” isoladamente não denota suficiente especificidade. Seria mais adequado que o instrumento utilizasse termos mais precisos como “Identidade de gênero”, “Sexualidade” ou “Orientação sexual”, por

exemplo. Nesse sentido, a indicação de “Identidade de gênero” como termo relacionado não se sustenta, uma vez que esse seria mais bem alocado como termo específico. A ausência de outros termos relacionados limita as análises sobre a estrutura e a abrangência do tesouro. Diante disso, sugerimos uma revisão e atualização do instrumento, sobretudo por se tratar de um tesouro on-line, o que facilita sua constante atualização.

Figura 2: Conceituação do termo Sexualidade



Fonte: Elaboração própria em CANVA (2025).

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

A sexualidade humana deve ser compreendida como um fenômeno que transcende a biologia, sendo uma construção social, cultural e histórica influenciada por relações de poder e normas que regulam corpos, desejos e identidades. Michel Foucault (1988) argumenta que a sexualidade não é uma essência inata, mas sim um efeito de dispositivos que disciplinam os corpos, resultando em categorias normativas. Judith Butler (2003, 2015) complementa essa visão ao afirmar que gênero e sexualidade são constituídos por repetições de atos e discursos, desafiando a relação entre sexo biológico, gênero e desejo.

Em complemento a isso, Adrienne Rich (1980) discute a "heterossexualidade compulsória", que marginaliza outras formas de expressão sexual. Bell Hooks (2017) e Geni Núñez (2023) enfatizam a importância de uma abordagem interseccional que considere a diversidade de experiências e as consequências da colonialidade de gênero.

Esses referenciais teóricos questionam concepções essencialistas da sexualidade, evidenciando sua construção histórica e seu entrelaçamento com relações de poder. Uma concepção abrangente requer uma perspectiva que reconheça a multiplicidade de marcadores

sociais e a diversidade de experiências associadas à sexualidade em diferentes contextos.

Nos tesouros analisados, a sexualidade é definida de maneiras variadas. O **Tesouro de Orientação Sexual e Identidade de Gênero** destaca a pluralidade de orientações e critica a representação da sexualidade masculina e feminina. O **Homosaurus** aborda a sexualidade de forma ampla, reconhecendo a diversidade de experiências e expressões, alinhando-se com teorias contemporâneas que problematizam a rigidez das categorias binárias de gênero.

Por outro lado, o **Family Thesaurus** reduz a sexualidade a uma condição reprodutiva, refletindo uma visão essencialista que ignora a natureza sociocultural da sexualidade. As diferenças observadas nos instrumentos revelam a evolução conceitual em torno da sexualidade, com tesouros mais recentes refletindo uma compreensão alinhada aos desenvolvimentos teóricos dos estudos de gênero. Cabe ressaltar que nos demais instrumentos o termo não foi conceituado, portanto, não compõe nossas análises. A seguir serão apresentadas as análises em relação à hierarquização do termo sexualidade nos respectivos instrumentos.

Quadro 3: Hierarquização do termo Sexualidade

| SEXUALIDADE | | | | | |
|--|----------------------------------|--|---|------|----------|
| Tesaurus | Termo Genérico | Termo específico | Termo relacionado | Used | Used for |
| Homosaurus | | Sexualidade infantil; Organizações de pesquisa sexual e de reforma sexual | Sexo anônimo; Sexo casual; Cibersexo; Erotismo; Estudos de gênero; Sexo em grupo; Homoerotismo; Hipersexualidade; Libido; Orgasmo; De passagem (sexualidade); Pornografia; Sexo público; Sedução; Sexo (ato); Acessórios sexuais; Locais de sexo; Festas de sexo; Sexologia; Sexting; Abstinência sexual; Autonomia sexual; Disfunção sexual; Excitação sexual; Função sexual; Minorias sexuais; Práticas sexuais; Reforma sexual; Papéis sexuais; Comportamento sexual situacional | | |
| Women's Thesaurus | O termo não existe nesse tesouro | | | | |
| Family Thesaurus | | Bissexualidade; Heterossexualidade; Homossexualidade; Intersexualidade; Comportamento sexual; Transexualismo | Gênero; Puberdade; Reprodução (biológica); Papel sexual | | |
| Tesouro de gênero: linguagem con equidad | Sexualidade | sexualidade infantil; sexualidade do adolescente; sexualidade do idoso | Corpo; Comportamento sexual; parafilias ¹ | | |
| Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres (TEG) | | bissexualidade; heterossexualidade; homossexualidade; sexualidade feminina; sexualidade masculina; transsexualidade. | desejo; identidade; impotência; sexo. | | |
| Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero | identidade sexual | diversidade sexual | sexo biológico; faustão; sexismo | | |

Fonte: Elaboração própria (2025).

O **Homosaurus** não adota termo genérico. Entretanto, inclui os termos específicos relacionados à “Sexualidade infantil” e às “Organizações de pesquisa sexual e de reforma sexual”. Ao privilegiar esses recortes temáticos, o Homosaurus sinaliza um enfoque voltado para questões socialmente sensíveis e eticamente complexas no âmbito da sexualidade. O Homosaurus integra, ainda, uma extensa rede de correlação, abrangendo

uma série de aspectos concernentes à sexualidade, por meio dos termos relacionados: “Sexo anônimo”, “Sexo casual”, “Cibersexo”, “Erotismo”, “Estudos de gênero”, “Sexo em grupo”, “Homoerotismo”, “Hipersexualidade”, “Libido”, “Orgasmo”, “De passagem (sexualidade)”, “Pornografia”, “Sexo público”, “Sedução”, “Sexo (ato)”, “Acessórios sexuais”, “Locais de sexo”, “Festas de sexo”, “Sexologia”, “Sexting”, “Abstinência sexual”,

¹ Traduzido de: cuerpo; comportamiento sexual; parafilias

“Autonomia sexual”, “Disfunção sexual”, “Excitação sexual”, “Função sexual”, “Minorias sexuais”, “Práticas sexuais”, “Reforma sexual”, “Papéis sexuais” e “Comportamento sexual situacional”. Essa configuração reflete a riqueza e a diversidade do campo da sexualidade, abrangendo desde práticas e comportamentos sexuais até aspectos psicológicos, fisiológicos e socioculturais, transcendendo visões reducionistas ou fragmentadas sobre o tema. Ao incorporar termos relacionados a movimentos sociais e a campos de estudos, o Homossaurus sinaliza uma inserção da temática em um contexto mais amplo de debates e transformações sociais.

O **Woman’s thesaurus** não inclui o termo sexualidade, portanto a análise da hierarquização não foi possível. Essa limitação de escopo sugere que o “Women’s Thesaurus” provavelmente não está voltado especificamente para a abordagem da sexualidade sob a perspectiva de gênero. Seu foco principal parece estar em outras questões relacionadas às mulheres, sem contemplar de forma detalhada os aspectos da sexualidade, o que consideramos uma limitação significativa.

Assim como o Homossaurus, o **Family Thesaurus** não contempla um termo genérico para a categoria “sexualidade”. Em seu lugar, o tesauro atribui termos específicos como “Bissexualidade”, “Heterossexualidade”, “Homossexualidade”, “Intersexualidade”, “Comportamento sexual” e “Transexualismo”. É importante ressaltar que o termo “Transexualismo” utilizado no tesauro é considerado inadequado, uma vez que outras expressões relacionadas carregam o sufixo “-dade” ao invés de “-ismo”, esse último comumente associado a uma conotação pejorativa. Com isso, o termo indicado para essa substituição seria transexualidade, e, em consequência disso, “transexualismo” deveria ser indicado como um delimitador de uso a ser substituído por “transexualidade”.

Além disso, o tesauro inclui os termos relacionados “Gênero”, “Puberdade”, “Reprodução (biológica)” e “Papel sexual”. Enquanto a inclusão do termo “Gênero”

aponta para um reconhecimento da relevância das questões de identidade e expressão de gênero no âmbito da sexualidade. Sinalizando uma compreensão da intersecção entre essas duas esferas, o termo “Puberdade” indica uma preocupação com as transformações físicas e psicossociais que ocorrem durante um período específico do desenvolvimento humano, o qual está intimamente relacionado à emergência e ao desenvolvimento da sexualidade. Por outro lado, os termos “Reprodução (biológica)” e “Papel sexual” sugerem uma abordagem mais normativa e biológica da sexualidade, enfatizando aspectos como a função reprodutiva e os papéis socialmente atribuídos com base no gênero. Essa configuração terminológica sugere uma estruturação conceitual fragmentada e potencialmente limitada na representação da temática da sexualidade, carecendo de uma sistematização que permita compreender de forma holística e integrada à complexidade inerente a esse campo de estudo.

O **Tesouro de Gênero: Linguagem con Equidad** atribui o termo “sexualidade” como o termo genérico e com isso o tesauro reconhece a sexualidade como um fenômeno complexo e abrangente. Atribui como termos específicos “sexualidade infantil”, “sexualidade do adolescente” e “sexualidade do idoso”, demonstrando, assim, uma preocupação em contemplar as particularidades e as nuances da expressão da sexualidade em diferentes etapas do desenvolvimento. Destacamos que esse é o primeiro instrumento a contemplar a sexualidade da pessoa idosa, o que indica uma abordagem interseccional que inclui a condição etária. Adicionalmente, a inclusão de termos relacionados como “Corpo”, “Comportamento sexual” e “parafilias”, sugere uma abordagem abrangente sem ser reducionista ou essencialista. Essa estruturação denota um entendimento da sexualidade como fenômeno que envolve não apenas os aspectos físicos e comportamentais, mas, também, as diversas formas de expressão da sexualidade, incluindo aquelas consideradas atípicas ou não convencionais (parafilias).

Diferentemente do anterior, o **Tesouro para estudos de Gênero e sobre Mulheres (TEG)** adota uma classificação mais segmentada, com termos específicos como “bissexualidade”, “heterossexualidade”, “homossexualidade”, “sexualidade feminina”, “sexualidade masculina” e “transsexualidade”. Essa estruturação reflete uma preocupação em representar a diversidade das orientações sexuais e das expressões de gênero, possivelmente buscando visibilizar identidades e experiências historicamente subalternizadas. Ao diferenciar as vivências da “sexualidade feminina” e da “sexualidade masculina”, o TEG sinaliza uma atenção às assimetrias de gênero e às particularidades das experiências sexuais de homens e mulheres. Essa abordagem pode ser interpretada como um esforço em representar a desconstrução da normatização heterossexual e a universalização da experiência masculina típicas de paradigmas androcentrados.

Ao determinar os termos relacionados “desejo”, “identidade”, “impotência” e “sexo”, o TEG demonstra uma compreensão da sexualidade a partir de uma correlação ampla, envolvendo tanto dimensões biológicas quanto construções socioculturais. Destacamos que esse é o único instrumento a apontar “impotência” como um termo relacionado à sexualidade e isso é relevante considerando tratar-se de um componente significativo nos estudos da sexualidade.

O **Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero** indica como termo genérico “identidade sexual” para definir o conceito central, o que não parece refletir de forma adequada a complexidade e multidimensionalidade da sexualidade humana, reduzindo a sexualidade à sua dimensão identitária, deixando de lado outros aspectos fundamentais como desejos, práticas, orientações e expressões. Como termo específico, o tesouro atribui “diversidade sexual”. Embora o reconhecimento da diversidade sexual seja importante, o uso desse termo não demonstra um entendimento aprofundado sobre os diferentes elementos que compõem a sexualidade. A inclusão de

termos relacionados como “sexo biológico” e “sexismo” sugere uma perspectiva limitada e superficial acerca da sexualidade e das relações de gênero, especialmente considerando o referencial teórico apresentado. O termo “faustão”, por sua vez, também não parece ter relação com a temática da sexualidade, sendo, portanto, considerado um equívoco.

Em conclusão, a análise comparativa dos diferentes tesouros abordados revela distintas abordagens e níveis de complexidade na representação das questões de gênero e sexualidade. Essa diversidade de perspectivas evidencia a complexidade e a necessidade de um entendimento amplo e multidimensional sobre gênero e sexualidade humana que contemple sua riqueza e pluralidade de manifestações.

6 Considerações Parciais ou Finais

Este estudo investigou a relação entre gênero e a realidade social, articulando Estudos de Gênero e a Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC) tendo em vista analisar como os Tesouros especializados tratam, conceituam e hierarquizam gênero e sexualidade. Alinhado a isso, definiu como objetivo evidenciar os modos de tratamento, conceituação e hierarquização de gênero conferidos pelos SOC's voltados para a linguagem documentária. Em paralelo, buscou-se compreender como as desigualdades e hierarquias de gênero se materializam na linguagem e nos sistemas de organização do conhecimento, utilizando a OSCC como abordagem teórica fundamental.

Os resultados indicam que a OSCC se revela essencial para analisar criticamente a construção e representação do conhecimento, posto ser capaz de destacar as dimensões de poder e como as estruturas de gênero são inscritas e reificadas nos SOC's. Nesse sentido, os resultados confirmam a limitação interpretativa sobre gênero em Tesouros estudados, reiterando os pressupostos de que o gênero é uma categorização social naturalizada, enviesada na binaridade e cisgeneridade, e que sua classificação social

pode ser explicitada via Organização do Conhecimento. Conclusão que dá a ver como a linguagem, com seu poder coercitivo, produz e reproduz desigualdades, marcando corpos e a realidade social.

A principal dificuldade da pesquisa residiu na seleção dos referenciais teóricos, exigindo uma cuidadosa curadoria para abarcar a amplitude dos estudos de gênero e a necessidade de uma perspectiva interseccional e descolonizadora. Superar esse entrave, contudo, permitiu que a investigação apontasse para a necessidade de maior teorização sobre gênero na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Dessa forma, a pesquisa sugere a construção de um novo tesouro de gênero que considere interseccionalidade e decolonialidade, conjugadas às garantias literária, cultural e científica, adotando uma perspectiva rizomática para compreender a fluidez e complexidade das questões ligadas ao gênero. Esse novo instrumento, ao valorizar a multiplicidade, a conectividade e a desterritorialização poderá contribuir para uma compreensão mais fluida, multidisciplinar e transformadora das dinâmicas de gênero, promovendo uma organização do conhecimento mais alinhada com as demandas de justiça social e equidade informacional.

7 Referências

- Adler, M. (2016). The case for taxonomic reparations. *Knowledge Organization*, 43(8), 630-640.
- Akotirene, C. (2020). *Interseccionalidade*. Editora Jandaíra.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Beauvoir, S. (2014). *O segundo sexo*. Nova Fronteira.
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2018) *Corpos em aliança e as políticas das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2024). *Quem tem medo do gênero?*. Boitempo.
- Collins, P. H. & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo.
- Connell, R. (2016). *Gênero em termos reais*. Versos.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista estudos feministas*, 10, 171-188.
- Dahlberg, I. (1978). Teoria do conceito. *Ciência da informação*, 7(2), 101-107.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo.
- Dodebei, V. L. D. L. M. (2002). Tesouro: linguagem de representação da memória documental. *Intertexto, Interciência*.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.
- Hooks, B. (2020) *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática*. Elefante.
- Lorde, A. (2020). *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Autêntica.
- Louro, G. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, 19(2), 17-23.
- Lugones, M. (2020). Colonialidade e gênero. Em H. B. Hollanda (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Bazar do Tempo. p. 53-83.
- Medeiros, L. (2021). Quais sentidos para gênero? Uma análise de dicionários. *Linguagem em (Dis)curso*, 21, 71-93.
- Maculan, B. C. M. S. (2024). *Metodologia para refinamento semântico de relações em tesouros*. CRV.
- Núñez, G. (2023). *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. Planeta do Brasil.
- Rich, A. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 4(5), 17-44.
- Romeiro, N. & Silveira, F. (2023) *El activismo digital como estrategia para enfrentar la violencia sexual: consideraciones a la luz de los estudios*

- decoloniales y las teorías de la mediación. *Encontros Bibli*, 28(esp.), 1-26.
- Santos, A. (2015). Colonização, Quilombos, Modos e Significações. INCTI/UnB.
- Santos, A. (2023). A terra dá, a terra quer. Ubu Editora.
- Scott, J. (2019). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Em Holanda, H. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Bazar do Tempo.
- Sales, R. (2024). Traços do autoconceito: invenções para a organização do conhecimento. Editora IBICT.
- Schucman, L. (2012). Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Universidade de São Paulo.
- Segato, R. (2021). Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda. Bazar do tempo.
- Silva, F., Saldanha, G. & Pizarro, D. (2018, 22-26 de outubro). A branquitude nas práticas docentes em biblioteconomia e ciência da informação: notas teórico-críticas sobre um ensino que promove o preconceito racial [sessão de conferência]. Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação, Londrina, PR, Brasil.
- Silva, F. (2020). Colonialidade do saber e dependência epistêmica na Biblioteconomia: reflexões necessárias. Em: N. D. Cardona & F. C. Garcês-da-Silva. (Org.). *Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação: contribuições da Colômbia e do Brasil*. Rocha. p. 119-202.
- Tálamo, M. F.; Lara, M. & Kobashi, N. (1992). Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros. *Ciência da Informação*, 21(3), 197-200.
- Trivelato, R. M. S. (2022). A luta das mulheres tem muitos nomes: os sistemas de organização do conhecimento frente a uma emergência conceitual [tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Wittig, M. (2022) O pensamento hétero e outros ensaios. Autêntica.